

artes:

ANO XXX Nº 3 DIRETOR/EDITOR CARLOS VON SCHMIDT MAIO/JUNHO 1995 R\$ 2,00

Christo no Reichstag

por Carlos von Schmidt
de Buenos Aires

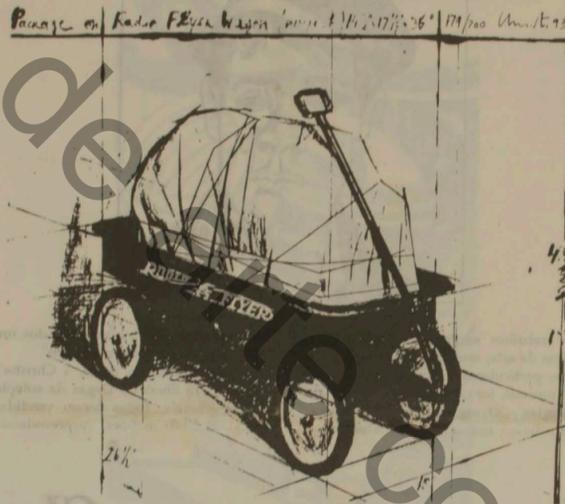
Estão lá mas a gente não vê. Fazem parte do nosso cotidiano. Do corre-corre diário. De um dia para outro, deixam de ser o que eram. Transformaram-se. Imaginem a Caetano de Campos. Ou o Banespa. Ou o Obelisco do Ibirapuera. Ou as árvores da Praça Villaboim. Completamente cobertos. Embrulhados. Empacotados, como para presente. Isso pode acontecer. Depende apenas de Christo. Não o da Igreja. O da Bulgária. Christo Javacheff. O empacotador mor.

Já empacotou poltronas, automóveis, monumentos, ilhas, pontes, muralhas, e se tudo correr como espera, estará este mês empacotando o Reichstag de Berlim, o antigo Parlamento alemão que Hitler tocou fogo, em 1933, culpou os comunistas, reprimiu-os e depois tomou o poder.

Utilizam é religiosamente pago. Obras de arte a partir dos projetos custeiam as milionárias instalações. Talvez o ímpeto de "empacotar" seja resquício da adolescência. Quando estudante, Christo e seus colegas eram obrigados a dar um jeito, a embelezar os arredores da estrada de ferro de sua cidade natal sempre que chegava alguém importante. Fazia parte da obrigação escolar, esconder, enrusterir, disfarçar, camuflar as coisas sujas, feias e velhas.

Quem sabe, dessa garibada, nasceu, anos mais tarde, a idéia de empacotar, embrulhar, modificar a paisagem, interferir nela. Desde os anos 60, Christo o faz. Países como a França, a Itália, os Estados Unidos, o Japão e agora a Alemanha foram palcos escolhidos para suas ações.

Ao contrário dos pilotos de Fórmula-1, verdadeiros out-doors publicitários, que só aceitam correr movidos por contratos milionários, Christo e sua mulher Jeanne-Claude de Guillebon, não aceitam patrocínio de qualquer espécie. Também não trabalham com voluntários. Todo trabalho ou material que



"Pacote no carrinho Radio Flyer" Litografia colorida com colagem: 14 1/2 x 17 1/2 x 36 polegadas 1993

utilizam é religiosamente pago. Obras de arte a partir dos projetos custeiam as milionárias instalações.

26 delas estavam expostas na galeria Klemm, M. T. Alvear, 636, desta capital, desde 4 de abril. São litografias, técnicas mistas, colagens, fotografias, desenhos. Christo acrescenta às litos materiais diversos. Pedacos de tela, barbante, fita crepe, silkscreens, papel craft, papelão, tecidos, mapas, grafites, enfim, tudo que possa dar às litos maior expressão. O preço dessas obras na galeria Klemm, variam de US\$ 900 a US\$ 70.000.

A mais antiga é de 1970. Refere-se a Wrapped Monument to Vittorio Emanuele, Project for Piazza del Duomo in Milan. Empacotado Monumento para Vittorio Emanuele, Projeto para Piazza Duomo em Milão. É uma lito e colagem e mede 71 x 65 cm. O mais recente é de 1993. Package on Radio Flyer Wagon (Project). Pacote no carrinho Radio Flyer (Projeto). Litografia colorida com colagem, 14 1/2 x 17 1/2 x 36 polegadas, edição de nº 179, de 200. (Foto)

Escrever sobre Christo é escre-

ver sobre a ousadia. É sobretudo mergulhar no surreal, no sonho. Onirismo que contrasta com a enormidade de números reais que desafiam nossa imaginação.

Em 1968, na documenta de Kassel, Christo surpreendeu com um enorme pacote. Tinha 85 metros de altura, 5.600 metros cúbicos de capacidade. Inflado, o "Pacote de Ar" era uma grande escultura. Quatro anos depois, nos Estados Unidos, em Grand Hogback Rifle, no Colorado, instalou gigantesca cortina translúcida de nylon de cor laranja entre duas elevações das Montanhas Rochosas. The Valley Curtain, a Cortina do Vale, cruzava uma auto-estrada aberta ao trânsito. A cortina media 417 metros de comprimento por 111 metros de altura máxima. Concebida para durar semanas, foi desmontada 28 horas após o término da instalação. Ventos a 100 quilômetros por hora foram responsáveis pelo desmonte prematuro.

Em 1974, depois do vendaval, procuraram algo mais sólido, resistente. Encontraram na Eu-

ropa, na Itália, em Roma. Empacotaram as ruínas das muralhas construídas há 2000 anos. Aqui, o milenar e o novo se confundiram. O gesto de Christo deu as ruínas próximas à Via Veneto e aos jardins da Villa Borghese "cara nova". Significado outro.

Terminada a intervenção, Christo e Jeanne-Claude voltaram-se para o mar. Em 83, em maio, cercaram 11 ilhas em Key Biscayne na Flórida, próximo a Miami. Usaram 650.000 metros de tecido rosa de polipropileno. O tecido media 60 metros de largura. Cobriram onze quilômetros de mar. 430 trabalhadores participaram da instalação.

Do mar seguiram para Paris. Em 85 empacotaram a Pont Neuf, 40.877 metros quadrados de tecido sintético dourado, presos por 13.000 metros de corda e 12.100 quilos de correntes de aço, deram a ponte mais antiga da capital francesa, inusitada e estranha aparência.

De Paris os Christo em 1991 foram para os Estados Unidos e Japão. Instalaram 3.100 enormes sombrinhas azuis e amarelas na costa californiana, e na costa japonesa em Ibaraki. No Japão, 19 quilômetros tinham sombrinhas azuis. Nos Estados Unidos, 29 quilômetros exibiam sombrinhas amarelas.

Aqui, os números assustam. 1880 operários e técnicos trabalharam na instalação. 26 milhões de dólares foram gastos na realização do gigantesco projeto binacional.

Sem patrocínio, sem compromissos comerciais, com total liberdade de sonhar e realizar seus sonhos, Christo e Jeanne-Claude em 13 de junho completam 60 anos. Ao empacotar o Reichstag estarão realizando um sonho iniciado em 1972. Os sete milhões de dólares que gastarão para realizá-lo não os assusta. Importante para os Christo é viver, trabalhar, realizar. Isso, sabem fazer. E fazem muito bem.

Política cultural ?!

Países do 1º mundo há muito estabelecem suas políticas culturais. Tudo funciona. Sem burocracia. Sem intermediários. A relação arte, cultura, governo, flui naturalmente. Sem impecilhos, dificuldades, complicações. Aqui, tivemos a Lei Sarney e a Rouanet. Ambas verdadeiros ciposais, cheias de nós, emaranhadas. Agora os jornais informam que decreto-

lei assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 17 de maio desburocratizando a Lei Nacional de Incentivo à Cultura, colocou as coisas no eixo, no lugar. As notícias informam que o Ministério da Cultura dispõe de R\$95 milhões. Ano passado tinha R\$85 milhões. Apenas 5% desse valor foram captados.

Nos anos que antecederam o governo do "impichado", do "inocentado" da Diná, vários empresários financiando projetos culturais e artísticos sem recorrer à Lei Sarney. Acharam complicado e difícil semais lidar com Brasília. É de se esperar que os R\$95 milhões tenham um destino melhor do que os do exercício findo. Se é para valer, que sejam aplicados sem

mais delongas. Se depender, da aprovação da legalização da profissão de produtor artístico e cultural, essa Lei é anticonstitucional e não serve para nada. País que precisa de intermediários para se comunicar, que limita a ação do cidadão, não quer nada com a arte e a cultura. Quer apenas exercer o "pudê". Coisa do tempo da colônia. Só.

Bons ventos



Van Gogh. Jovem com boné US\$ 13.205.500 milhões

Euforia no leilão de primavera da Christie's. Obras de impressionistas e artistas modernos totalizaram US\$110.506.320 milhões. Na noite de quinta-feira, 11 de maio, obras no valor de US\$58.715.000 milhões foram vendidas. A estrela da noite foi *Jeune homme à la casquette*, Jovem com boné, de Vincent van Gogh, estimado entre US\$ 7 e 9 milhões e vendido por US\$ 13.205.500 milhões. O retrato pintado por van Gogh é considerado, depois do *Portrait of Dr. Gachet*, Retrato do Dr. Gachet, vendido pela Christie's em 1990, como o mais importante. Da coleção da embaixadora dos Estados Unidos na França, Pamela Harriman, três pinturas foram leiloadas por US\$ 18.795.500 milhões. De Picasso, *Mère et enfant*, Mãe e filho, foi vendido por US\$11.992.500 milhões. De Renoir, *Portrait de Mademoiselle Demarsy*, Retrato da Senhorita Demarsy, por US\$5.612.500 milhões. De Matisse, *Le chapeau bleu*, O chapéu azul, arrematado por US\$1.124.500 milhão. Referindo-se às vendas, Christopher Burge, presidente da Christie's, declarou: "Tivemos a sorte de ter um número

de trabalhos excepcionais este mês - obras de arte, muitas das quais, de coleções particulares famosas e de acervos de museus, fora do mercado de arte há décadas". "O resultado desta temporada", disse, "indica claramente um conti-

nuo fortalecimento no mercado dos impressionistas e artistas modernos". Em leilões de artista único, a Christie's ofereceu 19 obras de Degas da coleção David Daniels. Todas foram vendidas por US\$ 2.500 milhões, surpreendendo

as estimativas estabelecidas. Liderou a coleção *Femme s'essayant*, Mulher enxugando-se, vendida por US\$ 883.500 mil. De Fernand Leger, *Étude pour les trois soeurs*, Estudo para três irmãs, foi leiloado por US\$305.500 mil. *L'explication*, A explicação, de René Magritte, foi arrematado por US\$ 295.500 mil. Da super coleção de Ralph F. Colin, duas telas, *Nu assis au collier*, Nu sentado com colar, de Amadeo Modigliani, foi vendido por US\$ 12.400 milhões. De Miró, *La Poetesse*, A poetisa, foi arrematado por US\$ 4.700 milhões. Ambos recordes de venda de Modigliani e Miró em leilão. A coleção dos Colin foi totalmente vendida. Atingiu US\$ 38 milhões. A estimativa era de US\$ 24.734.400 milhões. Nervoso, animado, elétrico foi o leilão. Marchands, colecionadores, instituições (museus, fundações) ao vivo ou por telefone, fizeram seus lances. 44% americanos, 29% europeus, 6% asiáticos, 21% de outras origens. Os leilões da Christie's em New York exorcizaram o fantasma da recessão. Tudo indica que a partir de agora irá de vento em popa.

Latino-americanos na Christie's

Cinco dias após o milionário leilão dos impressionistas e modernistas, a Christie's em duas noites, 16 e 17 leilou pinturas, desenhos e esculturas de artistas latino-americanos. Os dois leilões totalizaram vendas no valor de US\$10.727.925 milhões. Na primeira noite as vendas atingiram US\$7.675.950 milhões. Na segunda US\$2.061.100 milhões. Dos 260 lotes, 145 foram vendidos. Três pinturas de Diego Rivera foram arrematadas: *Still Life with Flowers*, 1918, estimado entre US\$800.000-US\$1.200.000, por US\$1.487.500 milhões. *La Grande Reconstruction*, A Grande Re-

construção, 1915, estimado entre US\$180.000-US\$220.000, por US\$316.000. *Maternidade*, 1934, estimado entre US\$400.000-US\$500.000, por US\$420.500. O uruguiaio Joaquim Torres-Garcia bateu seu record de venda. *Composition symétrique universelle en blanc et noir*, 1931, *Composition symétrica universalmente branco e preto*, estimado entre US\$400.000-US\$600.000, foi comprado por US\$937.500 mil. Retrato de Olga, 1945, de Rufino Tamayo estimado entre US\$800.000-US\$1.000.000, foi vendido abaixo do previsto, por US\$442.500 mil. Outra tela de Tamayo, *Dos figuras*, Duas fi-

guras, de 1975, estimada entre US\$280.000-US\$320.000, foi arrematada acima do valor estimado: US\$420.500 mil. *Auto-retrato a los Doce Meses*, 1969, *Auto Retrato aos doze meses*, estimado entre US\$280.000-US\$320.000, foi arrematado por US\$310.500. Um *Matta*, *Sans Titre*, 1939, *Sem Título*, estimado entre US\$250.000-US\$350.000, foi vendido por US\$299.500 mil. Lances foram dados na sala de leilão e por telefone. Da Argentina, Chile, México, bem como da Europa e da Ásia, chamadas foram feitas. Um auto retrato da mexicana Frida Kahlo estimado entre US\$8.000-US\$10.000

mil, foi arrematado por US\$22.000 mil. Dos lotes oferecidos 68% foram vendidos. A presença de artistas brasileiros foi tímida. No momento em que redigimos esta nota, não tínhamos a relação das estimativas, vendas e recusas. Porém, na lista de recordes não há nenhum nome do Brasil. Falta à pintura brasileira, divulgação e marketing. Enquanto isso não for feito ficaremos sempre na rabeira. Pena. Pintura temos, boa. O que não temos é um trabalho contínuo para a conquista de mercado do exterior. Está na hora de partir para a luta. Ou ficar lendo e falando sobre os milhões de Rivera e outros.

Cartas

Foi com um brilho de alegria no olhar que, abrindo o JT semana passada, vi um "minúsculo" anúncio: "artes: nas bancas". Como sempre fui leitor desse jornal e também por não existir publicações sobre arte, foi como se tivesse visto um "arco-íris. Aleluia!!!". Bem-vindo novamente. Abraços, Acencio.

Caro Acencio. Obrigado pelas boas palavras. Sua carta foi a primeira que chegou depois do arco-íris. Estimada editora, muita gente atualmente coleciona algo. Coleciona-se selos, e cartões postais, etiquetas, lápis, moedas, etc. Mas minha coleção se refere a edições periódicas. Coleciono periódicos, re-

vistas, boletins e suas histórias. Tenho atualmente 25.000 títulos de edições soviéticas e estrangeiras de 100 países do mundo. Aumento minha coleção por vários métodos: assinaturas, compra, troca com outros colecionadores, recebo os exemplares dos editores. Por esta razão peço-lhes de me enviar alguns números de sua edição e também outros exemplares. Se não os incomodo, conte um pouco sobre sua edição e sua história. Agradeço-lhes muito. A.N. Shmakov. De Kemeravskaya Oblast, Rússia, recebemos cartinha do camarada Alexander Shmakov. Oswald de Andrade dizia que era internacional até Mogi das Cruzes. Fomos um pouco mais além.

artes:

Expediente

artes: é uma publicação da editora artes: ltda. Direção, Redação, Publicidade: Rua Nestor Pestana 30, 21ª and. - conj. 216 Cep 03013-010 - Tel./Fax: (011) 256-0490 Composição e Arte Final: Antonio Torralvo Publicidade Ltda. Fotografia: Gui von Schmidt Produções Fotográficas Fotolito: Ajato Impressão: Performance São Paulo

Dois times sem jogo

Plínio Marcos

Certa vez, o União da Barra do Catimbo recebeu o seguinte ofício:

"Ilmos. Srs.

Do União da Barra do Catimbo

Nós vem por essas mal-traçada linha chamar vocês ai pra jogar no campo da gente uma partida de futebol no domingo, que a gente só joga nesse dia, que nos outro a gente trabalha. Se vocês quiser vim, pode responder o ofício dizendo que vem, que é pra gente pendurar ele na tabuleta do boteco do Almeida pros sócio do time da gente poder ver que vocês aceitou e se na hora vocês ficar com medo e não vier eles não ficam pegando no pé da gente e dizendo que essa diretoria não tem ninguém que sabe tratar jogo. Agora, se vocês não tão a fim de encarar a gente, então é pobrema de vocês. O Flor do Ó não tem medo de ninguém. (Assinado: Olavo Silva - Diretor Esportivo do Flor do Ó)

Assim que leu o ofício, o Seu Azulão, presidente do União da Barra do Catimbo, se picou de raiva. Convoçou a diretoria do seu time, leu o ofício do adversário e de imediato todos toparam o jogo com o Flor do Ó. E como era solicitado pelo desafiante, mandaram a resposta num ofício caprichado:

"Ilmos. Srs.

Diretores do Flor do Ó

Nós recebeu o ofício marcando jogo e responde por essas mal-traçada linha que aceita. Nós não é de enjeter parada. Se a gente tivesse medo de homem, não saia na rua vestido calça. A gente vai, pode anunciar. Mas tem um negócio que é o dono do campo dá a bola. Domingo vamos ai na Freguesia do Ó pro que der e vier. Respondam logo se aceitam dar a bola. Se tiver medo de nós, é só dizer que não quer, que a gente não vai. (Assinado: Eldácio Pereira (Azulão) - Presidente do União da Barra do Catimbo)

De posse do ofício do União da Barra do Catimbo, o pessoal da diretoria do Flor do Ó se atancou e, rápido e rasteiro, mandou um pivele levar outro ofício, com novas bases:

"Ilmos. Srs.

Diretores do União da Barra do Catimbo

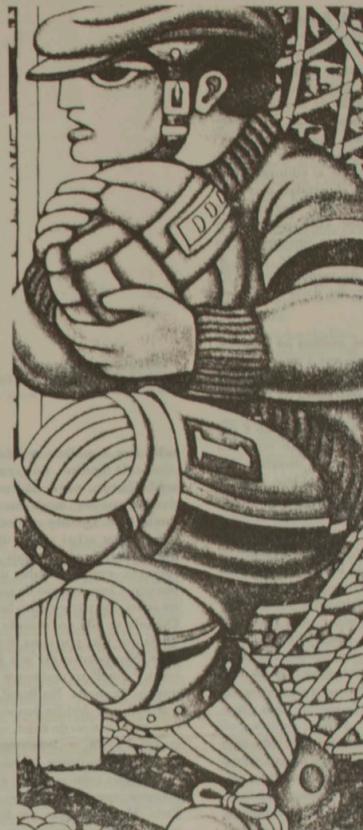
Nós recebeu seu ofício que veio cheio de mumunha. E passamos a responder nessas mal-traçada linha. Vocês quer moleza, já vi tudo. Mas a gente não tá a fim de criar caso. Só queremos jogar. Vocês pode trazer juiz. Que com nós ele não vai ter vida mansa. Se tiver afanando a gente, nosso capitão do time toma o apito dele e dá pra outro. Nós sabe que na Barra do Catimbo só tem juiz ladrão. Nós não é otário. Mas aceitamos nessa base que botamos aqui. Agora, no negócio da bola,

vocês traz a bola. Nós dá o campo e vocês a bola. Cada um dá uma coisa. Se quiser assim, tá combinado." (Assinado: Olavo Silva - Diretor do Flor do Ó). Mal o Azulão meteu as botucas no ofício do adversário, segurou o pivele mensageiro e fez com que ele esperasse às pauparras pra levar outro ofício de volta:

"Ilmos. Srs.

Diretores do Flor do Ó

Juiz ladrão tem é no bairro de vocês. Tudo afanador. Nós manja a negada daí. E não adianta vim com grupo pra cima da gente, que a gente não é trouxa e não vai entrar em truque de papagaio enfeitado da Freguesia do Ó.



Wellington Virgolino - Posando para as objeivas óleo 1982

Juiz que a gente leva pra apitar o jogo apita até o fim e não adianta estribo de capitão fajuto. Se nós leva o homem nós garante ele. Nisso vocês pode botar fi. E no negócio da bola não tem arrego. Vocês dá a bola. Agora, se vocês quer arranjar desculpa pra não jogar é pobrema de vocês. Nós foi convidado. Aceitamos porque nós não tem medo de ninguém. Na bola e no pau nós somos mais nós." (Assinado: Eldácio Pereira (Azulão) - Presidente do União da Barra do Catimbo)

Ao tomar conhecimento do novo ofício do União, a curriola do Flor do Ó se entallou e, sem demora, mandaram mais um ofício:

"Ilmos Srs.

Diretores do União da Barra do Catimbo Nós vem por meio desta mal-traçada linha avisar que não aceita esculacho de ninguém. Ladrão é vocês desse pedaço fedorento. Nós aqui é trabalhador. E dentro do campo quem fala mais alto, o único que chia é o capitão do time e se ele resolver tirar o pilantra que vocês botaram pra apitar pode contar que ele tira porque a gente dá a maior moral pra ele. No negócio da bola, vocês tem que trazer a de vocês que a bola da gente tá com beixa e pode estourar." (Assinado: Olavo Silva - Diretor do Flor do Ó).

A diretoria do União, presidida pelo Azulão, não era de engolir desaforo. Por isso, mal acabaram de ler o ofício, se bronquearam e azedaram mais na resposta: União da Barra do Catimbo)

"Ilmos Srs.

Diretores do Flor do Ó

A Barra do Catimbo não é bairro de ladrão, a mãe de vocês não mora aqui. Gaturama é a patola daí. E a gente não quer levar a bola nossa porque sabe que vocês vai querer roubar ela. A negada do Democrata contou pra gente que quando foi jogar ai a bola deles caiu na vala e vocês enrustiram e eles voltaram sem bola. Nós não entra nessa. Deixa de ser fominha e bola a bola que vocês afanaram do Democrata em Campo." (Assinado: Eldácio Pereira (Azulão) - Presidente do União da Barra do Catimbo)

Esse ofício do Azulão revoltou bastante a turma do Flor do Ó e eles, naturalmente, enviaram um pra acabar com a graça:

"Ilmos Srs.

Diretores do União da Barra do Catimbo

Nós não afanou bola de ninguém. Nós não ia se sujar por tão pouco. O Democrata aqui apanhou na bola e no tapa e por isso tá fazendo fuchico. Agora, vocês fizeram mal de meter a mãe no meio disso. Quando derem as fuças aqui, vão ter que engolir isso. Porque jogo só vai ter se vocês trazer bola. Ladrão pensa que os outro é ladrão. Mas nós não é. Pode trazer a bola sosegado. (Assinado: Olavo Silva - Diretor do Flor do Ó).

Por fim, o Azulão mandou o ofício definitivo:

"Ilmos Srs.

Diretores do Flor do Ó

Nós não vai porque não vai deixar os ladrão daí roubar nossa bola. Mas quando vocês quiser dar a bola, a gente vai. Quanto esse negócio de engolir o ofício da mãe de vocês, nós divida e fax pauco. Tamos aqui pra qualquer coisa. Se vocês tem medo de vim aqui, pode esperar que a gente se encontra nas quebradas. (Assinado: Eldácio Pereira (Azulão) - Presidente do União da Barra do Catimbo)

E por essas e outras, o União da Barra do Catimbo e o Flor do Ó ficaram sem jogo.

CHRISTIE'S
Representante
Paulo Figueiredo
AL. FERNÃO CARDIM, 116
BELA VISTA - 01403-020 - SÃO PAULO
TELEPHONE: (5511) 283-0775
FACSIMILE: (5511) 284-3765

INVEST
\$UL
D. T. V. M. LTDA.
\$

CÂMBIO-EXCHANGE

Nossa marca é o trabalho e a criatividade

Shopping Center Norte - Loja 1026 - Tel.: 298-7800
Shopping Center Morumbi - loja 104 - Tel.: 543-7386
Abertas de 2ª a 6ª das 10:00 às 19:30 hs. e sábados das 10:00 às 18:00 hs.
Praça Villaboim, 55 - Tel.: 66-5748
Aberta de 2ª a 6ª das 10:00 às 19:00 hs.
Matriz Av. Ipiranga, 318 - Bloco A - 10º Andar
Tel.: 255-7911 - Cj. 1002 - Cep: 01046-010



Altman na passarela

É praticamente impossível ficar neutro diante de um filme de Robert Altman. A acidez cômica de seus filmes é cruel. Altman já mexeu com os brás dos militares, dos cantores country, dos produtores de Hollywood e agora, com Prêt-à-Porter, chegou a vez dos que vivem no mundo da moda. Nada mais justo do que ouvir a opinião sobre o filme de quem está diretamente ligado à cultura fashion. Leia abaixo os comentários.

Armando Prado, 43 anos, fotógrafo de moda há 20, já fotografou para Vogue, Elle, Revista da Folha e várias agências: Eu gostei do filme, até porque eu sou fã de outros trabalhos de Robert Altman, O Jogador, Nashville, Cenas de um Casamento, enfim... Eu gosto desse humor dele. Eu acho que em Prêt-à-Porter ele, de certa forma, continuou esse trabalho que vem fazendo, com vários outros guetos, várias tribos, ou seja, Hollywood, música country. Ele disse-cou o mundo da moda, a meu ver, de uma maneira muito original. E também, de uma certa forma, próxima à realidade. E no filme têm algumas cenas que eu gosto bastante, que resumem mais ou menos o filme, a mordacidade dele, como a cena em que a Kim Basinger pergunta ao fotógrafo como ele chegou ao sucesso e ele responde que foi da mesma maneira do que ela, simplesmente se aproveitando da insegurança dos outros. O personagem do fotógrafo eu acho muito datado, tipo anos 70, meio playboy. Hoje você não encontra mais pessoas dessa maneira. É uma brincadeira, um recurso cênico. O filme é uma ficção. O único cinema que tem que mostrar a verdade é o documentário. Na ficção você tem que usar os recursos do cinema e do teatro. Se você quiser assistir a um documentário sobre moda, assista O Mundo da Moda, feito pela BBC e exibida no Brasil recentemente pela TV Cultura. É até interessante, para quem estiver interessado, assistir aos dois, para ver os dois lados. Na moda, existe tanto a visão venenosa do Altman quanto o profissionalismo mostrado pela BBC. Aliás, em qualquer meio, seja o de publicitários, artistas ou jornalistas, existe essa vaidade, é natural, é um lado humano que nós todos nós temos.

Patrícia Carta, 35 anos, 15 no mundo da moda, coordenadora da Vogue e editora

por Denis Zanini

Para o diretor Robert Altman o mundo da moda não se restringe simplesmente ao corte e a costura. Ele acredita que há muito mais atrás das passarelas do que dúvidas sobre usar veludo rosa com lantejoulas ou tafetá paquistanês com furinhos na próxima coleção.

A vaidade, o jogo de egos, a deslealdade e a falsidade desfilam pelos bastidores com a mesma desenvoltura de uma modelo veterana quando está no tablado. Esta é a conclusão a que se chega após assistir seu mais recente filme, Prêt-à-Porter (EUA, 1994).

Trinta longa-metragens nas costas deram ao diretor de Short Cuts condições de dissecar, com escárnio e mordacidade, esse complexo organismo chamado MODA. Altman captou com seus olhos azuis, vivos, cinematográficos, detalhes que as retinas dos leigos nas objetivas mais possantes têm sensibilidade para perceber. Através de personagens caricatos, diálogos calçados em deliciosa hipocrisia e um cast de atores que demonstram talento até quando espirram, Prêt-à-Porter faz rir, pensar e ter a certeza que Altman é um dos melhores diretores da atualidade.

de moda da Revista da Folha: Eu já vi filmes melhores do Altman. Sem dúvida nenhuma é uma sábia, mas não é um filme que vá ficar na minha memória. Foi divertido no momento, embora a idéia dele do mundo da moda seja extremamente equivocada. Não me emocionou, não achei nada especial, não gostei muito não. É propositalmente estereotipado. As cenas em que as editoras disputam o fotógrafo são divertidas, mas tudo caricaturizado, para tentar marcar. Tem um pouco de verdade. Você quer a melhor matéria, o melhor fotógrafo, essa concorrência realmente existe entre as revistas, mas não da maneira como foi mostrada no filme. Eu daria nota 6 ao filme.

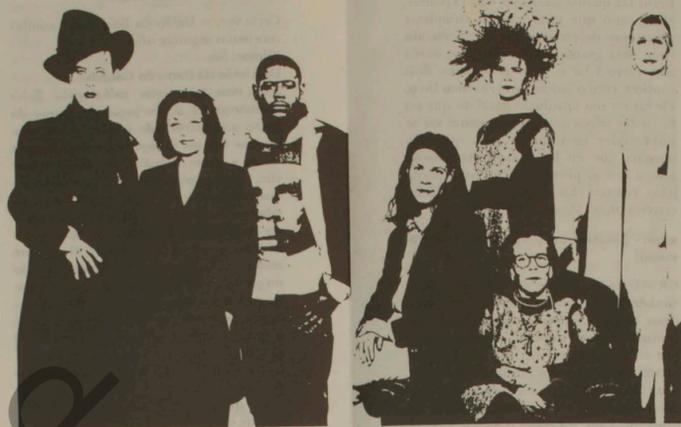
Elisa Steca, 28 anos, estilista há 6 meses, foi editora da Vogue por 3 anos, passando antes pelas revistas Cláudia e Cláudia Moda, além de colaboradora da Folha de S. Paulo:

Prêt-à-Porter é um bom filme. Não é ótimo filme, mas é um trabalho com um bom roteiro, uma história divertida. Na minha opinião não é um filme sobre a moda. Assim como *E la nave va*, de Fellini, não é sobre navegação. É uma fantasia do diretor. E nesse sentido eu acho o filme interessante, a trama é bem desenvolvida e as imagens são legais. Eu achei um filme divertido. O estilista, cada vez mais, ocupa um lugar de destaque na sociedade. O termo artista não é mais restrito a pintores, escultores, mas inclusive a criadores de moda. A participação no filme do estilista que eu mais gostei foi do Thierry Mugler, eu acho que a frase dele no filme é muito feliz, ele resume bem a filosofia de vida dele. A melhor estilista ficada foi a Simone Lo, interpretada pela atriz Anouk Aimée. Ela era a mais verdadeira das estilistas. Sobre os estilistas homossexuais, penso que é uma realidade. Dos estilistas masculinos que eu conheço, acredito que 80% são homossexuais. Para mim isso não tem nada de mais. O figurino do filme se estende muito além dos desfiles que são mostrados. Quase todos os personagens vestem roupas especialmente feitas por estilistas. Eu

"Estilistas" interpretados por Richard E. Grant, Anouk Aimée e Forest Whitaker (da esquerda para a direita)

acho que a melhor vestida era a Anouk Aimée. O figurino, no geral, não chega a ser brilhante, mas é eficiente. As editoras das revistas de moda também estavam muito bem. Quanto ao desfile das modelos nuas eu achei muito óbvio. Eu acho que a nudez não é mais um elemento surpresa, embora tenha um significado poético. Com exceção da modelo grávida, eu achei essa parte muito banal. Quando se fala em mundo da moda, daquela que está por cima, é a moda parisiense. Não porque ela seja feita por franceses, é que Paris realmente é o centro do mundo da moda. No Brasil, eu acho que guardadas as devidas proporções, acontece o mesmo tipo de coisa, os ateliês preocupados com o faturamento, estilistas com inveja do outro, eu não vejo nenhuma relação com o Brasil em termos de glamour, que aqui é muito aquém do de Paris. Mas acho que em linhas gerais a moda sempre atrai o mesmo tipo de emoção, vaidade.

Eu não tenho rivalidade com outros estilistas, admiro todos, sei como é difícil fazer uma coleção. Mas é uma coisa folclórica, mesmo no filme, os dois maiores ri-



vais acabam tornando-se amantes. Essa rivalidade é ambígua. Basta citar o exemplo clássico de Denner e Clodovil. **Paulo Borges, 33 anos, produtor e diretor de desfiles de moda há 13:** Eu não gostei do filme. Na verdade ele não retrata o mundo da moda, retrata o que poderia ser a futilidade relacionada à moda. E isso não é verdade, entendeu? Eu acho que existem vários aspectos a serem apresentados sobre moda. Propositamente ou inconscientemente, o filme mostra o aspecto que é o menos favorável no sentido de ser a verdade sobre a moda. Ele mostra pessoas desvairadas, deslumbradas, até mesmo equivocadas. Principalmente em relação ao trabalho. As pessoas que trabalham com moda trabalham duro e muito. Acho uma maneira indigna de se falar sobre moda. O filme não chega a ser ficção, não chega a ser documentário e não chega a ser um drama. Ele não é nada. Se fosse ficção, ele não usaria estilistas e modelos de verdade. Se fosse documentário, ele deveria se fixar apenas na verdade. Se fosse um drama, deveria ter um roteiro mais inteligente e mais dramático. O grande pro-

blema do filme é esse. Ele não consegue ser nada. A participação dos estilistas reais no filme é irrelevante. Aliás, essas personalidades que dão ao filme esse caráter duvidoso. Quando você está usando a imagem de uma pessoa como a do Jean-Paul Gaultier, do Ferré, você se usa para dar credibilidade ao seu trabalho. E dessa forma, você está deturpando a real imagem dessas pessoas. Também não gostei dos atores que faziam papéis de estilistas. Os desfiles, como aquele feito dentro de uma estação do metrô, é pura mentira. Não existe aquilo de modelo ficar brigando com modelo na passarela. Não existe isso. Desfile que não tem iluminação, enfim, é uma mentira. Aquele desfile com as modelos nuas, eu achei interessante, se você pegar pelo contexto da história da personagem no filme. Mas eu achei o filme muito vazio. Não sei se é proposital ou não. Afinal nós estamos falando de Robert Altman. Eu gosto dele como cineasta, acho ele superprofissional. Por isso não entendi esse filme. O trabalho dele que mais gosto é *Short Cuts*, porque é um filme interessante, inteli-

"Editoras de Moda" e "Jornalista" interpretadas por Lili Taylor, Tracey Ullman, Sally Kellerman e Linda Hunt (da esquerda para a direita)

gente, moderno, que consegue ser contemporâneo. Dos modelitos, não achei nenhum especial. Eu não gostei foi o da Sophia Loren, achei uma coisa completamente exagerada. **Duda Molinos, 30 anos, maquiador, cuida dos belos rostos das modelos há 12 anos:** Eu gosto muito do diretor Robert Altman. Mas achei o filme fraquinho. Eu não entendi bem se ele se propôs a fazer uma crítica ou uma homenagem. Penso que ele não conseguiu fazer nenhuma das duas coisas. Se ele queria fazer uma crítica, criticou as coisas erradas. Se queria fazer uma homenagem, homenageou as coisas erradas. Eu sinceramente não consigo entender. Ele fez uma caricatura mal interpretada desses personagens. Se era para fazer uma bobagem, não ficou uma bobagem completa. Se era para fazer algo sério, não ficou sério por completo. Ele ficou num meio-termo. Das maquiagens, não vi nada muito diferente. A Kim Basinger está igual, a Sophia Loren usa a mesma maquiagem há 40 anos... com exceção daquele estilista gay (Richard E. Grant), que eu achei engraçado, divertido, é uma caricatura de

um homossexual londrino, nada além. Foi uma das maquiagens mais legais do filme. O mais divertido do filme é ficar tentando achar alguns personagens do filme dentro de nossa moda. Por exemplo, o fotógrafo do filme, dizem que foi inspirado no Steven Meisel. Eu conheço um fotógrafo que é muito parecido com ele, que é o Fernando Lousa. Aquela atriz baixinha (Sally Kellerman), que faz uma das editoras das revistas de moda, tem muito a ver com a Regina Guerreiro. Eu poderia dizer também que aquela editora da Vogue (Tracey Ullman) é muito parecida com a Constanza Pascolato. Na forma de falar, rápida, esse estilo lembra o da Constanza. Eu gostei dos desfiles. A única coisa que é verdade no filme são os desfiles. Aquela agitação que tem antes do desfile, as maquiagens, as roupas são verdadeiras. Eu achei criativo aquele desfile na estação do metrô, apesar da Regina Guerreiro já ter feito dentro de uma estação de trem há uns 8 anos em Belo Horizonte.

Walter Rodrigues, 35 anos, estilista há 16: Olha, na minha opinião, quem está interessado em moda e acha que esse filme vai mostrar alguma coisa de moda, que vai ajudá-lo a tirar algum proveito, vai cair do cavalo, porque não tem nada disso. Os desfiles são antigos. O filme vale para se divertir, já que o Altman faz uma colagem de personagens da moda, alguns até criados na cabeça dele, porque eu não consigo identificar esses personagens com outros da vida real. Eu não consigo fazer essa localização. Ele tentou mostrar da forma dele o que ele entende sobre o mundo da moda. Eu até gosto do filme. Acho divertido. Mas não é nada elucidativo sobre a moda. Porque é a visão pessoal de um diretor que sempre deu sua opinião pessoal sobre os temas que trabalhou. O Altman fez uma grande brincadeira e usou o direito dele de fantasiar sobre essa história da moda. É um filme que as pessoas amam ou odeiam. Eu acho divertido. Nem amo nem odeio. Uma coisa que me incomoda muito no filme é aquele estilista gay. Isso não exis-

te. Só na cabeça do Altman mesmo. Aquela coisa maquiada, toda afetada, achei muito desagradável. Não tem ninguém desse jeito. Pra mim ele não tem a menor graça. A bem da verdade, os atores que fizeram papéis de estilistas não deram nenhum prazer de assistir. Os personagens que mais me fascinaram foram o Tim Robbins, a Julia Roberts e a Kim Basinger, que na minha opinião fez o melhor papel da vida dela: o de burra. O Thierry Mugler foi o estilista que teve a melhor participação, levou tudo na gozação. Dos modelitos apresentados no filme, achei tudo muito velho, muito feio. Não gosto da Sonia Rikyel, detesto Lacroix, quer dizer, a única coisa aproveitável para mim foi o desfile do Jean-Paul Gaultier. O Altman não teve que mover um dedo para fazer os desfiles. Ele só pediu autorizações dos estilistas para filmá-los. Também não gostei dos desfiles das modelos nuas. Pode ter até alguma coisa de poético, mas moda não é poesia não. É muito trabalho. Eu trabalho muito. Eu tenho uma visão muito séria da moda. Não é essa coisa engraçadinha e fútil não. Eu trabalho pra caramba, tenho muita coisa para fazer. Vejo moda de uma forma muito profissional. Não é só oba-oba, entendeu. Dos trabalhos do Altman eu gosto bastante do Short Cuts e do O Jogador.

Alexandre Herchevitch, 23 anos, 3 como estilista, mais de 10 desfiles no currículo: Achei um filme chato, bastante superficial e exagerado. Tem uma visão caricata do mundo da moda, deixa transparecer que a moda é uma futilidade, só que não é bem assim. Por exemplo, a moda é a segunda ou terceira fonte de renda da França. As participações dos estilistas foram microscópicas, não dá para analisar o desempenho deles. Mas serviu como promoção pessoal de cada um. Nenhum papel chamou minha atenção. São todos superficiais, não dá para opinar sobre a atuação dos atores porque todos os papéis estavam fracos. Também não achei nada de muito especial nos desfiles e nos modelitos.

Prêt-à-Porter



"Assistentes" interpretados por Sam Robards, Rossy de Palma, Kasia Pigura e François Cluzet (da esquerda para a direita)

experiência. Whitaker foi casado com um travesti em *Traídos pelo Desejo*.

No meio de tanto pano e intriga, quem costura e borda são dois velhos conhecidos: Sophia Loren, perfeita no papel de viúva-perua e Marcelo Mastroianni, que provou já ter tirado o luto por Fellini. A cena em que os dois estão no quarto, loucos para tirar o atraso, é magnífica. Enquanto Loren se despe com incrível sensualidade, Mastroianni fica sentado na cama, uivando como um lunático, revivendo cenas de *Ontem, Hoje e Amanhã*.

Prêt-à-Porter, a exemplo de *O Jogador*, também utiliza a fusão de personagens fictícios e reais. Jean-Paul Gaultier, Sonia Rykiel, Christian Lacroix, Thierry Mugler e Gianfranco Ferré mostram que como atores são ótimos estilistas. Fazem só uma ponta, dizendo meia dúzia de palavras. As modelos Naomi Campbell, Christy Turlington e Carla Bruni também dão o ar de sua graça. Essas aparições relâmpago são muito mais uma brincadeira cinematográfica do diretor do que uma tentativa de dar um ar documental ao filme. Um documentário jamais exibiria pessoas da alta costura pisando a toda hora em cocô de cachorro.

Altman mostra-se perfeccionista até nesses casos. A coloração do falso excremen-

to (feito através de misturas químicas) foi testada várias vezes até ser aprovada por unanimidade. Todos davam opinião, de Pierre Mignot, um dos dois diretores de fotografia, até Jean-Pierre Cassel, um dos atores cuja sola do sapato seria vítima do dejeito.

Na hora de filmar, porém, Altman banca o caudilho e tapa os ouvidos às opiniões alheias. Nem mesmo se a idéia sair da boca carnuda de Sophia Loren, haverá jeito. Em sua primeira aparição, Sophia queria bater a porta na cara do marido dizendo alguns palavrões em italiano. Altman não concordou com os gracejos em italiano, mesmo com a insistência da atriz. Não houve argumento que dobrasse o velho diretor.

Altman faz tudo isso sem perder o bom humor. Certa vez perguntou se a atriz Anouk Aimée, que faz a estilista Simone Lo, personagem inspirada em Sonia Rykiel, estava deprimida. Ela respondeu que sim. Altman retrucou: "Se você está deprimida com toda a atenção que tem sobre você, isso não é neurose, é psicose". Aimée quis justificar: "Não, não. Eu só estava pensando". "E depressão", respondeu o diretor. "Quando os atores começam a pensar, isso é depressão".

Ao todo as filmagens duraram 10 sema-

nas. Seis dias de trabalho por semana. Doze a quatorze horas de trabalho por dia. Uma missão estressante. Bate-bocas foram inevitáveis. Danny Aiello e Lauren Bacall protagonizaram um deles.

O bafafã ocorreu quando o elenco esperava a preleção de Altman sobre a cena que fariam. Aiello cantava para si mesmo a fim de passar o tempo. A voz do ator irritou Miss Bacall. Deixando a educação na gaveta do criado-mudo, Bacall mandou Aiello calar a boca. Pronto. O sangue italiano ferveu, fazendo-o disparar um "Quem você pensa que é?". A dupla só não chegou às vias de fato porque a turma do deixa disso agiu rápido.

Mas nem tudo era guerra nos bastidores. Mastroianni e Loren se divertiam a valer. Após levar uma bofetada de Sophia, na cena passada no Museu Rodin, Mastroianni disse que o tapa não tinha doído: "Ela é uma artista". Ao passo que a atriz emendou: "Sim, doeu. Na verdade ele está chorando por dentro". Intimidade e descontração que só uma dúzia de filmes trabalhados juntos proporcionaria.

Os 18 milhões de dólares investidos no filme valeram a pena. Talvez não comercialmente. Mas em termos artísticos, não há do que reclamar.

Gustavo por Gustavo

Se alguém me pedisse para indicar um artista, "pau para toda obra", sem hesitar indicaria dois: Aldemir Martins e Gustavo Rosa. Ambos, como Michelangelo e Leonardo, não se pejam de trabalhar sob encomenda.

Às vezes quando vejo artista fazendo-se de doce, de difícil, encastelado em seu pequeno e restrito "mundinho" lembro-me de um fato que sucedeu no universo artístico de New York.

Sem dar a mínima para os narizes empinados de críticos de arte e companhia bela, Andy Warhol pôs um anúncio no Village Voice informando que "dossaria qualquer coisa por dinheiro". Não estava duro, nem a perigo. Estava apenas usufruindo do prestígio que seu nome possuía.

Não sei se Aldemir e Gustavo chegariam a tanto. O que sei é que ambos têm a noção exata de quanto vale 1 Real. CV5

Abaixo como Gustavo Rosa se transformou em grife nos Estados Unidos em entrevista exclusiva à artes, realizada por Karla Krepsky.

Num pequeno pedaço de papel, assim escreve o pintor: "Eu não quero derrubar nenhum sistema, nenhuma coisa que já está aí, eu quero sim e acrescentar aquilo que já foi feito, busco sim uma linguagem minha pessoal, original por onde eu tenho mostrado por este mundo todo que eu tenho exposto o meu trabalho, ele é o Gustavo Rosa, assinatura é mero reconhecimento de firma." Gustavo escreve certo por linhas certas. O lançamento de seus trabalhos no mercado americano, fruto da parceria iniciada em 1992 com Jim Faul, presidente da Cypress, uma grande corporação americana, é a consagração da sua linguagem criativa e bem-humorada. A grife Gustavo Rosa, lançada em setembro de 1994 na Bloomingdale's de Nova York, vendeu 380.000 peças só no ano passado. O seu sucesso financeiro também está garantido: 7% do faturamento das vendas lhe pertencem. Seus trabalhos estão sendo vendidos em todos os Estados Unidos, nas principais lojas de departamento do país, como Saks, Macy's e Neiman Marcus. Aqui no Brasil, Gustavo acaba de pintar algumas camisetas para lei-lão, utilizando-se do símbolo da campanha da prevenção do câncer de mama. Na camiseta branca, no lado esquerdo, ao alto, está pintado um minúsculo coração vermelho. Um Coração Simples e Vermelho. Ou um Gustavo Coração Rosa. No seu aconchegante apartamento no bairro do Itaim-Bibi, Gustavo fala de seu sucesso nos EUA, do seu início de carreira, de seus planos e do que se tem feito em artes plásticas. Veja aí:

artes - Como foi seu lançamento no mercado americano?

Gustavo Rosa - O presidente da Cypress, que é um braço da Russel Newmann, veio aqui. Por que algumas coisas, como por exemplo, seus roupões são fabricados no Brasil pela Artex. Ele uma vez por ano vem para cá. Numa dessas vezes, há três anos, viu um quadro meu numa galeria, comprou. Ele gosta muito de arte, é um colecionador. Depois veio me procurar. Me achou, tivemos um primeiro contato, um jantar e daí ele expôs a ideia do que ele fazia no Estados Unidos e eu topei. Daí firmamos uns contratos e desde então eu virei uma grife lá. Lançaram o Gustavo Rosa como uma grife e a cada ano nós pretendemos aumentar. Comecei com robes, camisetas, toalhas e pretendemos no próximo ano lançar relógios, pratos, canecas, talvez até jogos americanos... e com exposições também. Eles tem algumas galerias, em São Francisco, Massachusetts, Nova York, enfim eu estou trabalhando com eles em todos os sentidos.

artes - Como funcionam as exposições?

GR - É uma atividade paralela, lançando o artista, o pintor. Eu vou estar calçado por trás com a minha grife, vou estar bem conhecido popularmente e depois vem o ar-

tista atrás expondo as suas peças originais e isto ajuda. É uma alavanca bastante grande e sadia para que eu entre na exposição e não seja um anônimo qualquer. Isto me ajuda para fazer uma individual, com quinze ou vinte trabalhos para que eu tenha um background... Comecei por Massachusetts, fazendo uma individual em julho do ano passado.

artes - Você tem ideia de lançar isto aqui no Brasil?

GR - Não, não... Aqui no Brasil eu nem tenho. Porque aqui a cabeça da classe intelectual artística não está preparada. Enquanto lá é uma vitória para um artista, ser convidado por uma corporação como essa para reproduzir os seus trabalhos, aqui é o contrário. Aqui é pejorativo. Existe um preconceito contra isto. Eles taxam o artista de comercial. Eu até brinco, digo que ao artista no Brasil é proibido ganhar dinheiro. O artista tem que ser um sofredor. Eles não entendem aqui a ideia de o artista poder com sua obra fazer dinheiro. Então eu não tenho o mínimo interesse. O Aldemir (Aldemir Martins) é um exemplo: anos atrás ele lançou uma coleção de pratos da Goiana e foi crucificado pela classe pois achavam que era um absurdo ele fazer aquilo, um ato comercial... uma visão bastante antiga, que eu acho que está melhorando. Acho que vai melhorar mais ainda, mas ainda existe este preconceito. Então lançar aqui no Brasil eu não tenho nem vontade. Nos Estados Unidos, sim, a gente está pensando ano que vem estender isto para o Japão, através da Cypress.

artes - O que lhe inspira mais para trabalhar?

O dia a dia, a rua, situações engraçadas que eu capto no dia a dia, às vezes uma mulher no restaurante, engraçada, um corpo... Por exemplo, esta série das gordas, foi uma mulher que eu vi na rua, uma gordá comprando um sorvete... Vi a cena, gostei, fiz um rough rápido. Vim imediatamente ao ateliê e pinte este quadro. Assim nasceram as gordas. Então, às vezes, de uma visão que eu tenha de uma situação banal do cotidiano sai uma série enorme como a das banhistas... Sem grandes elucubrações mentais, filosóficas, metafísicas. Eu pego as coisas simples, eu



Brasil faz quatro anos que não exponho. Mas o ano que vem, eu vou completar trinta anos de carreira oficial e pretendo fazer uma grande exposição, que ainda não quero falar o lugar pois tenho dois convites, com o lançamento do meu livro. Ele vai ser um apanhado geral do que eu fiz nestes trinta anos. Muita gente vai se surpreender com muita coisa que não imagina que eu fiz e faço. As pessoas acham que só pinto quadros, mas há objetos, retratos. Eu no começo da minha carreira pintei alguns retratos.

artes - (Gustavo me pergunta se está gravando)

GR - Uma coisa que eu queria te falar também é que eu sou ao contrário talvez dessa turma, os ditos vanguardistas, que procuram fazer ou ditar tendências, o que eu acho totalmente ridículo. Eles colocam o desenho e a pintura como uma coisa ultrapassada. Na verdade, o desenho sobre um suporte e a pintura existem há trinta mil anos, foi talvez uma das primeiras manifestações artísticas do homem, antes até da música e o homem sempre desenhou e as primeiras cenas inclusive eram geométricas, não eram figurativas, o geométrico veio antes da figura e no entanto, de repente, depois de trinta, quarenta mil anos, eles renegam isso e acham que pintar, desenhar é ultrapassado. Eles querem destruir numa década o que foi feito em quarenta mil anos. É ridículo. Eu acho que com todos estes anos de trabalho eu consegui fazer uma marca minha, isto é o que distingue uma coisa da outra, não é?... É a minha caligrafia, a minha expressão, e o que eu tenho reparado nesta dita vanguarda é que parece haver uma tendência. Tem que obedecer o que o dito cujo não sei de onde falou e que se não estiver fazendo aquilo é outsider, tá fora, não está fazendo arte. Então o que eu tenho visto é uma coisa toda igual, você tem que obedecer que desenhar é pecado, careta, pintar muito menos, eu já ouvi até gente falar que o suporte tradicional, ou seja, a tela é algo que não existe mais e que o caminho é outro, mas também nem eles sabem o que eles querem.

gosto de desenhar, de mexer com a forma e é isso que me inspira e não grandes elucubrações mentais.

artes - Você vê alguma relação entre a publicidade e seus trabalhos para consumo em massa?

GR - Não tem nada a ver. É um quadro meu que é reproduzido, num suporte qualquer, pode ser até uma caixinha de fósforo. Eu sou a favor de que a obra de arte tenha algum sentido, de que ela seja reproduzível, de formas mil. Agora nos EUA tive um exemplo do Keith Herring, um pintor jovem que morreu. Mas estava fazendo muito sucesso e está sendo muito explorado no sentido comercial da coisa. Fazem vitrine para criança desenhar, caixinha de fósforo, chaveiro, gravata. A Playboy fez uma coleção de gravatas dele. Quer dizer, usar o artista enquanto criativo para explorar o máximo possível. É o que eu digo: seria a mesma coisa que um cantor não reproduzir a sua voz no CD e você falando não, não pode, isto é comercial, ele só pode cantar para uma elite, para determinadas pessoas... Seria o mesmo erro, coisa que ainda nas Artes Plásticas, no Brasil, ainda há este preconceito. Se eu fizer uma linha de camisetas e vender no Mappin, ah, vão acabar comigo, dizer que eu sou um assassino... É uma forma de democratizar a arte, de um estudante poder comprar uma reprodução sua, isto é cultura, o original são poucos os que podem comprar. Por que não o grande público ter acesso à obra? Só depois que morre é que pode fazer reprodução do Picasso, do Van Gogh, agora do artista vivo não pode? É proibido ganhar dinheiro. Aqui ainda existe esta mentalidade. Nos EUA é o contrário. Eu quebrei uma barreira, eu estou tomando o lugar de um americano lá, porque tem centenas de artistas que queriam estar na minha posição. Conquistei um espaço disputadíssimo com outros artistas americanos. Inclusive, no ano passado vendi o dobro daquele americano (Will Bullas). Foi um sucesso.

artes - O que você está fazendo agora e quais os seus planos?

GR - Eu tenho exposto muito fora. Na Alemanha, Estados Unidos e Espanha. No

A percepção alterada - II

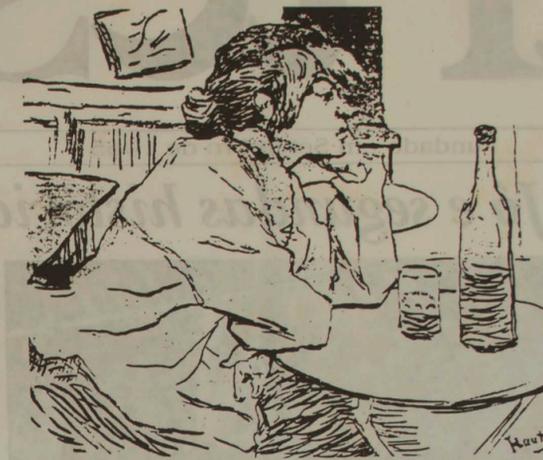
por Luis Horta

O pequeno solitário Lautrec, pool, tirava a rolha da garrafa e entrava numa para poder desenhar como um gênio.

A droga e a bebida entorpecem. O quê? A zeladora consciência, a megera Implicante que bate na sua bunda cada vez que você faz ou pensa fazer coisa errada. Ela é a razão. Uma chata. É insípida como a governanta inglesa que beliscava o príncipe Charles a cada malorção. Mas nós estamos falando de uma coisa que é muito séria. No pasto telúrico há de tudo: alfaces, substâncias que alimentam, centam e encarnam a essência que você desde pequeno chama de "eu", e substâncias que apagam o sentimento do "eu". São forças mais fortes que ele e o dissolvem de modo epistático, transitório, ou definitivo.

É o seguinte: se você perde o seu "eu", você se perde. Fica ôco, míxa. Toma-se um alienado, isto é, alguém que abdicou do direito de conduzir a si próprio: fica esquisito ou esquizofrênico, a caminho da demência precoce. E como a organização e a saúde do plano físico. O funcionamento vital do seu corpo e dos órgãos que o constituem dependem da boa organização e da boa saúde da mente, você se transforma naquilo que os italianos chamam de "pasticcio".

Mais rústicos na sua filosofia, sem deixar de ser sábios, os napolitanos avisam que "o pisce fete da capa". Também no peixe, o que estraga primeiro é a cabeça. De maneira que quando o sujeito bebe ou ingere um disparador de visões está fazendo uma transferência, uma invo-



Gueule de bois - Tipogravura - Le Courrier Français 1889

cação de forças que passam a se manifestar através dele.

A droga abre certas portas, certos horizontes. Deixa ver o que a razão inclusive não quer nem ver, porque nega. Mas é preciso saber quem é que está entrando por essa porta. A arte mostra quem é. Há hierarquias, seres que pertencem a dimensões diferentes, sendo uns mais

recem com os que fluíram através da inspiração de Michelangelo:

Charlie Parker, o passarinho, ou Billie Holiday. Dois nomes da música, como podiam ser outros, do teatro, do cinema. De tanto se servirem do efeito mágico das drogas tornaram-se dependentes, prisioneiros. O embriutecimento pode vir a ser a mais cruel das consequências desse processo encantatório. No fim não tem graça: a ilusão se esvai, abandonando o iludido como faz a criança que enoja de um brinquedo.

O álcool e as drogas estimulam artificialmente o processo mediúnico. O artista que propugna pela liberdade incondicional, sem limites, acaba por se enfiar numa arapuca bastante estreita e tolhedora da verdadeira liberdade.

De outro lado, a liberação oferecida por esses estimulantes nos apresenta um problema novo: como é que fica a questão da autoria? Se eu estou mais prá lá do que prá cá, descentrado, com a consciência alterada, ou reduzida a um grau quase zero, bíaco ou alucinado, como posso dizer "eu que fiz isso", e assinar embaixo?

Gasparrutto tem feito exposições públicas de sua plenitude mediúnica, acredita que com a finalidade didática, entre outras de nos mostrar que somos habitantes da dimensão espiritual tão naturalmente como o linguado é habitante do oceano.

De maneira que o acesso a esse horizonte pode ser compreendido como uma condição original e possível a todos nós. E que pode ser atingida pelo caminho inverso: o da purificação.

A droga desequilibra, a yoga equilibra. São caminhos.

restaurante
Colonna
o mais italiano dos
restaurantes
DELICIOSO CARDÁPIO
TRADICIONAL REQUINTADO
E ACESSÍVEL
ABERTO DIARIAMENTE
ACEITA-SE TODOS OS
CARTÕES DE CRÉDITO
SALÃO DE FESTAS
ENTREGAS EM DOMICÍLIO
NO BAIRRO
R. Maranhão, 540 - Higienópolis
estacionamento c/ manobrista
Fone : 67-0547

paulo figueiredo
galeria de arte
Fotografia Brasileira
no século 19
junho de 95
alameda fernão cardim, 116
tel 284-3606 cep 01403-020
são paulo

Que tal uma mãozinha do Michelangelo no seu próximo trabalho?

Se você gostou da ideia, então é só dar uma passada no Empório Artístico Michelangelo da av. Anita Ferraz Lima. Lá você encontra a maior variedade de artigos para desenho e pintura, incluindo materiais importados das melhores marcas do mundo. E se você precisar de alguma coisa muito diferente, pode até pedir por encomenda. Assim fica fácil fazer uma obra-prima.

EMPÓRIO ARTÍSTICO
"Michelangelo"
Faria Lima, 940 - São Paulo - SP - Tel. 815-0993 - 210-5110

RENATO MAGALHÃES GOUVÊA

escritório de arte

Av. Europa, 68
01449-000 São Paulo Brasil
Fone (011) 8812166 Fax (011) 8831295

GR - Eu tenho exposto muito fora. Na Alemanha, Estados Unidos e Espanha. No

artes:

Fundado em Setembro de 1965

De Jó e segundas histórias

por Miguel de Almeida

Abra o jornal atrás de alguma novidade capaz de causar prazer. Não vale o Photo se quer o Scandal. Procure algo mais tradicional, como teatro, pipoca ou cinema. O desespero bate de frente porque São Paulo tornou-se palco de "modernos" ou sede de indústria cultural.

Exemplos? Veja a idula (sic) dos vitimados pela moda: Marisa Monte, a cantora sem estilo. Aquela que canta tudo, sem se deter num único ritmo ou padrão sonoro. Uma vez, vendo que Paulinho da Viola e ela tinham sido eleitos como os elegantes da MPB, disse ao nobre sambista: o pessoal tá querendo te sacanear. É a mesma coisa, Paulinho, que eu dizer que adoro James Joyce e Arnaldo Jabor. Ou Guimarães Rosa e Paulo Coelho. Por que?, ele me perguntou. Simples, respondi, odeio tomar sustos. Se coloco uma sonata, não quero ser surpreendido na próxima faixa por um baião de dois. Ele discordou. Voltici: a harmonia é um reflexo do mundo; caso exista sobreposição de *lieder* com samba-debreque, é porque há ruído configurando a falta de nitidez da ideia. Pode ser um disfarce para não se assumir nada - daí o selo de homens ocios pensado por T.S. Eliot serve como luva a quem se esconde sob a balbúrdia, com a intenção de omitir o desleixo com as palavras. Com o raciocínio, não: seria pedir muito a decantada MPB. Marisa Monte encarna o sonho da classe média, média-esclarecida, que enxerga a canção brasileira com o mesmo amor dispensado a Noel Rosa e Wilson Batista - um amor estético e ideológico, quando se pensa em usar essa arte



Cena de "O Livro de Jó" na foto Matheus Nachtergaele

popular para a transmissão de pensamentos. Só que Marisa Monte é um amontoado de discursos desconexos. E espernea como quem está no divã: não há seleção, é tudo um jorro.

A indústria não merece comentários. Ela é útil às vezes, como bálsamo à tensão. Pelo seu próprio caráter de estupidez.

Por sorte Antonio Nóbrega estreou novo espetáculo. *Segundas Histórias*, e Antonio Araujo montou *Livro de Jó*. Ambos saem do banal, do arroz-com-feijão de se fazer do teatro somente uma caixa registradora.

Nóbrega é um gênio. Instalado em seu Teatro Brincante, na Vila Madalena, ele apresenta *Segundas Histórias* e Brincante, já conhecido

do público. O primeiro espetáculo estreou ano passado no Rio, onde ele parece ser melhor entendido pela crítica. De novo temos o personagem Tonheta, alter-ego do ator, envolvido em novas peripécias. Sua amada morreu, ele ouve uma voz dizendo que ela está viva e então sai perambulando pelo planeta, enfrentando perigos e monstros. A estrutura é a de uma epopeia nordestina, pontuada por canções e desafios. Ex-integrante do Quinteto Armorial, idealizado por Ariano Suassuna, Nóbrega consegue uma síntese contemporânea da cultura nordestina e o lado lúdico da aventura. A montagem faz questão de manter o caráter mambembe e por vezes circense, lembrando que para se fazer teatro basta talento e imaginação. Fumaça e outros efeitos não integram seu arsenal.

Antonio Araujo, depois de montar *Paraíso Perdido*, de Milton, na Igreja Santa Ifigênia, ocupa agora as instalações do Hospital Humberto I com *Livro de Jó*. Ele não parece gostar de espaços tradicionais e tampouco de textos simples. É alguém mais ligado à tradição literária, onde enxerga mais recursos para exercer sua dramaturgia. O texto de Jó termina por fazer paralelos cênicos com doações terminais, sugerindo que a agonia do personagem, provocada por dúvidas religiosas, esbarra no mesmo beco angustiante do insolúvel. Araujo usou salões, corredores e a sala de operação do antigo hospital. Não é algo palatável à primeira vista. Mas provoca reflexões. Dali ninguém sai indiferente. É como pedia Barthes em relação aos textos a necessidade de se provocar sempre algum tipo de reação. De gente boazinha a cultura anda cheia.

REPIQUE

A partir desta edição, *Repique* estará de antena ligada no mundo das artes. Autêntica seção de gossips, boatos, fofocas, locais e do exterior, revelará aos leitores o que se passa nas ante salas do poder, nos bastidores dos teatros, nas salas de maquiagem dos estúdios de TV, nos corredores dos museus e bienais, nos vernissages das galerias, no antes, durante e depois dos desfiles de moda. Fiquem de olho e ouvidos abertos. *Repique* vai repicar.

Fernando Henrique Cardoso, estômago forte, suporta buchada de bode mas não engole o Mabe do Alvorada. Divulgado o fato o Mabe não mudou de endereço por razões óbvias. * Constança Pascolato achou Prêt-à-Porter de Altman uma piada. Prá lá de ruim. * Marlon Brando em suas memórias revelou que ao fazer a tórri-da cena da manteiga em *O Último Tango*, com a sexy Maria Schneider, estava impotente. * Enquanto Rubinho Barrichello não tiver um carro competitivo, continuará somente comendo batatas fritas e tomando cafezinhos em comerciais. * Publicidade do Museu de Arte Moderna, MAM, informa que suas instalações estão em prédio de autoria da arquiteta Lina Bo Bardi. Bobagem. Estão na marquise do projeto de Oscar Niemeyer para o Ibirapuera. Lina apenas quebrou o galho. Adaptou-a para o MAM. Só. * Emanuel

Araujo, diretor da Pinacoteca do Estado, perdeu a fala quando soube que os US\$250 mil desviados a exposição de Auguste Rodin no Museu Nacional do Rio de Janeiro, não incluíam a exposição de São Paulo. No momento em que escrevo, um mês antes do anunciado vernissage, ainda não recuperou a fala. * Dia desses na Bloomingdale's de New York camisetas e robes assinados por Gustavo Rosa, chamavam atenção. O desenho de salientes bumbuns era a causa do reboliço. * Hipólito Rocha Jr., mais conhecido como Potinho, continua a pintar e desenhar para a exposição *Coisas de Mulher*. Calcinhas, soutiens, verdadeiros e pintados integram os trabalhos. No mínimo, instigante. * Acostumada a não ser vista, mas ouvida, Tunicia responsável por sonoplastias memoráveis nos teatros paulistanos, no Marília Gabi Gabriela, da CNT, está como peixe fora d'água. O som é bom, mas o visual... * A minissérie da Globo, *Engraçadinha*, poderia ser mas não é. Parece filhote de cruz credo. Meio aliche, meio muzzarella. Não é teatro, não é televisão. Salva-se a abertura. Só. * No ex-Hospital Matarazzo o livro de Jó. Espetáculo que mexe com as emoções mais profundas. Verdadeiro soco na cara. Inesquecível. * Gabriel Garcia Márquez é um grosso. Em fins de abril, no Centro Cultural do Banco do Brasil do Rio de Janeiro,

deixou auditório lotado esperando por ele. Não foi, nem disse por que. Coisa de vedete, de starlete, de escritorzinho sem importância. Não de Prêmio Nobel. O futebol da Colômbia dançou. Pablo Escobar já era. E Garcia vem aqui fazer gracinha. Ora vejam só!!! * Peitos de fora, nunca mais. Gal Gosta quer esquecer "O sorriso do gato de Alice", dirigido por Gerald Thomas em 94. Seu novo show, paralelo ao lançamento do CD "Mina D'água do Meu Canto", tem Hélio Eichbauer na direção. Sem apoteose. Chega à Paulicéia em agosto. * Finalmente inaugurado o Museu Brasileiro da Escultura, MUBE, com expô de Victor Brecheret. Na abertura, profusão de peruas espalhafatosas, mal vestidas, cafonas. Um horror!!! * Takita na maior moita está preparando exposição para o segundo semestre. Abstrato consciente não brinca em serviço. * *Repique* ouviu no vernissage das aquarelas do inglês Edmund Pink, no escritório de arte de Renato Magalhães Gouvêas: "Finalmente o Nelson Aguilar se encontrou. Está levando para a Bienal de Veneza obras de um louco de pedra e de um artista que desconhece por completo a resistência dos materiais que emprega. No calor, suas obras desmancham, derretem. Um desastre!!!!". Um horror!!! * Um repique glorioso a exposição Corluz de Fiamminghi na galeria São Paulo. Muito nequinhão metido a pintor, depois de ver as telas de

Fiamminghi, perdeu o rumo de casa. Ou melhor, do ateliê. * Patricia Wells, aquela do excelente "Cozinha do Bistrô" devia só escrever. Disse que não sabia que o caju era um fruto. Acreditava que a castanha era autônoma. * Para Ocimar Versolato estilista para valer, no Brasil não tem. Moda brasileira para Versolato, é fio dental. O resto não existe. E o boné do moço? Cafoninha, né? * Ora veja. Seis meses depois de O Estado de S. Paulo divulgar a causa da morte de Ayrton Senna, a Veja, na edição comemorativa do primeiro ano da morte, deu capa e manchetes "revelando" "O que matou Senna". Feio, muito feio. * Este jornal é como aquele presunto. Até de olhos vendados você reconhece. Não aceite imitações. *artes*: só existe este. Tudo mais é imitação barata. Não se deixe guiar. Leia o *artes*: certo. * Jó Soares, Chico Anísio, Nerso da Capitinga, perdem longe para o Vicentinho da CUT. É o maior gozador da paróquia. Cabeça raspada, língua presa, olhar perdido, não convence ninguém da seriedade de seus propósitos. Enquanto apronta com a maior irresponsabilidade, o povo sofre. À tripa forra, mordomias, longe da linha de produção, líderes sindicais perdem a noção de realidade. Às vezes o juízo. A careca comprova. * Até mais ver.